

ANÁLISE DAS RELATIVAS DE “QUE E ONDE” DO PORTUGUÊS ORAL MOÇAMBICANO

Sousa Horácio Bartolomeu
(Universidade Zambeze)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Sousa Horácio Bartolomeu é licenciado em Ensino de Português e inglês pela Universidade Pungue Extensão de Tete. Atualmente é docente de Técnica de Expressão em Língua Portuguesa; Inglês Técnico e Pedagogia Geral na Faculdade de Ciências Agrárias - Angonia. Membro da “Comissão de Avaliação de Autoavaliação de Qualidade no Ensino Superior” na Faculdade de Ciências Agrárias e da “Comissão Científica” da Universidade Zambeze - Faculdade de Ciências Agrárias. E-mail: sousahoracio5@gmail.com</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Neste artigo é discutido o uso dos pronomes relativos “Que e Onde” no Português oral Moçambicano com objetivo de compreender a situação atual da Língua Portuguesa e fazer as análises sob ponto de vista da sintática. Para obtenção de dados utilizou-se a metodologia de análise do discurso extraído de diversos programas dos canais televisivos nacionais e em entrevistas informais obtidas com os estudantes do curso de Engenharia Agropecuária e Engenharia Alimentar da Faculdade de Ciências Agrárias. Com esta metodologia foi possível coletar cem (100) construções relativas de “Onde e Que” e durante a análise compreendeu-se que o Português falado em Moçambique está distanciado do português padrão porque em um universo com cem construções relativas apenas nove, correspondentes a 9% foram canônicas e 84% desviantes da norma padrão. Os desvios identificados centram-se na dupla ocorrência de relativas; Uso do constituinte “Onde” com um antecedente – LOC; Uso dos pronomes em situações em que deveria ocorrer a categoria vazia; Escolha indevida do pronome e interferência linguística das L1 (línguas bantus) ao Português padrão, diante disto, concluímos que se precisa fazer um estudo linguístico forte a fim de se padronizar a variação do português falado em Moçambique.</p>	<p>In this article, the use of relative pronouns “What and Where” in oral Mozambican Portuguese is discussed with the aim of understanding the current situation of Portuguese language and carrying out analyzes from a syntactic point of view. To obtain data, we used the methodology of analyzing discourse extracted from many programs on national television channels and in informal interviews held with students on the Agricultural Engineering and Food Engineering course at the Faculty of Agricultural Sciences. With this methodology it was possible to collect one hundred (100) relative constructions of “Where and What” and during the analysis it was understood that the Portuguese spoken in Mozambique is distant from standard Portuguese because in a universe of one hundred relative constructions only nine corresponding to 9% were canonical and 84% deviating from the standard norm. The identified deviations focus on the double occurrence of relative; Use of the constituent “Where” with an antecedent – LOC; Use of pronouns in situations where the empty category should occur; Inappropriate choice of pronoun and linguistic interference from L1 (Bantu languages) to standard Portuguese, given this, we conclude that a strong linguistic study needs to be carried out in order to standardize the variation of Portuguese spoken in Mozambique.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Língua; Variação; Onde; Que.	Language; Variation; Where; What.

INTRODUÇÃO

Questões referentes aos estudos relacionados com as relativas, vêm sendo, frequentemente, discutidas e uma dessas discussões foram feitas por Mangas (2011); Manfili (2007); e Alexandre (2000). Os autores mostraram que de fato a Língua Portuguesa (LP) está num processo dinâmico devido as suas variações provocadas por diversos fatores como é o caso da “cultura, escolaridade, idade” destacados por Almeida e Berlinck (2019) e “diversidade linguística” por Lindonde (2018).

Segundo Timbane (2018), Moçambique é um país africano localizado na África Austral, que tem pouco mais de vinte milhões de habitantes, socioculturalmente divididos em várias etnias, cada uma delas caracterizada por uma diversidade linguística extensa. Essa diversidade linguística faz com que a LP não tenha as mesmas características em cada região do país. E de acordo com Lindonde (2018, p.17) “a LP foi elevada à categoria da língua da Unidade Nacional e de comunicação oficial nos domínios políticos e administrativos em 1975 após se tornar independente”, mas durante este período, ainda não se desenvolveu um estudo oficial referente ao número exato das línguas faladas em Moçambique, pois ao longo deste intervalo, diversos estudos ilustraram números diferentes das línguas faladas.

Por exemplo, Firmino (1998) nomeia apenas (15) línguas bantus faladas em Moçambique diferenciando-se de outros dados como os de Ngunga (1989) que aponta existirem (33) línguas.

Diante desta incerteza, Wache (2018) arrisca em afirmar que em Moçambique, atualmente, tenha um total de quarenta (40) línguas bantus que convivem com a Língua Portuguesa nomeadamente: Nyanja (1), Yao (2), Makhuwa-Meeto (3), Makonde (4), Swahili (5), Mwani (6), Ngoni (7), Makhuwa-Saka (8), Makhuwa-Chirima (9), Lomwe (10), Makhuwa (11), Nathembo (12), Koti (13), Makhuwa-Marrevone (14), Makhuwa-Moniga (15), Chuwabu (16), Maindo (17), Sena (18), Lolo (19), Manyawa (20), Takwane (21), Kokola (22), Marenje (23), Nyungwe (24), Phimbi (25), Dema (26), Nsenga (27), Kunda (28), Tawara (29), Manyika (30), Barwe (31), Tewe (32), Ndau (33), Tsonga (35), Chopi (36), Ronga (37), Zulo (38), Zulo (39) e Swati (40).

Como se pode depreender, as línguas bantus, desde antiguidade, são faladas em toda parte do continente Africano, particularmente, em Moçambique, e é difícil fazer a delimitação do espaço exato onde se falava, exclusivamente, o Português. Esse convívio diversificado das línguas faz com que se observe o fenômeno de bilinguismo e da variação do português em vários níveis como lexical, semântico, morfológico assim como pragmático. Em particular, neste artigo, pretende-se analisar e discutir-se em torno das construções relativas retiradas em discursos proferidos em diversos contextos a fim de

compreender a situação atual do Português oral Moçambicano.

Em Moçambique, ter a competência linguística na língua portuguesa, é o primeiro aspecto a ser considerado no campo de emprego, assim sendo, o seu bom uso é pertinente, por esta razão, preferimos compreender a competência linguística dos falantes. As construções apresentadas em (1, 2 e 3) serão objetos do estudo.

1. O jovem que eu falei é este.
2. A menina que tu referiste naquele dia é essa.
3. Naquela casa onde que nós vivemos não dá nem se quer para agente vivermos.

As construções apresentadas em (1 e 2), segundo a norma europeia, são desviantes e por não obedecerem aos parâmetros sintáticos como adjunção do pronome pessoal ao morfema (Q) tomando uma função anafórica que se recupera na forma verbal do verbo “falar” assim como do verbo “referir” em (1), e nestas posições, tendo em vista as ideias de Alexandre (2000), deveriam estar assumidas por uma categoria vazia. O segundo desvio está relacionado com a falta de alçamento dos constituintes linguísticos regidos pelos verbos, e na construção em (3) o desvio centra-se, primeiro, na dupla ocorrência de constituintes linguísticos da mesma classe morfológica e, segundo, é por causa da presença do pronome pessoal numa posição que deveria ocorrer a categoria vazia. As versões canônicas das construções apresentadas acima, seguem-se em 1.1, 2.1 e 3.1.

- 1.1. [DP [D O [CP Jovem_i do qual falei_i ~~é~~ este.]]]]
- 2.1. [DP [D A [CP menina_i da qual te referiste_i ~~na~~quele dia é essa.]]]]
- 3.1. [DP [D Em [aquela CP casa onde ~~que~~ nós vivemos não dá nem se quer para agente vivermos.]]]]

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O pronome na visão de Bechara (2009, p.195) “é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto”.

Cunha e Cintra (2005, p. 2077) definem a oração como “uma construção sintática com sentido completo, tendo como núcleo uma forma verbal”. Na mesma sequência, Mateus et al (2003, p.655), definem as orações relativas como sendo “as que são iniciadas pelos tradicionalmente designados "pronomes", "advérbios" ou "adjectivos relativos. Na sua modalidade mais típica, as relativas são formas de modificação de uma expressão nominal antecedente; mas podem ser igualmente uma forma de modificação de uma outra oração”.

Ainda Mateus et al (2003, p. 655), olham as orações relativas como as que possuem

um antecedente nominal e classificam em duas formas: *orações relativas restritivas e relativas explicativas ou não restritivas*. Há, ainda, *as orações relativas livres*, aquelas que não possuem antecedente exposto.

As orações relativas restritivas são construções sintáticas definidas com base na relação entre um constituinte nominal (morfologicamente exposto ou não) e uma frase que o modifica. Na perspectiva de Mateus et al (2003, p. 655), as orações relativas restritivas contribuem para a construção do valor referencial da expressão nominal. O antecedente das relativas restritivas é um Sintagma Nominal (SN) determinado ou quantificado, que tem como núcleo um nome comum.

Os exemplos seguintes são ilustrativos deste tipo de oração subordinada.

1.

- a) O bolo que estava na mesa desapareceu.
- b) *O homem do qual tu me falaste está a chorar.
- c) *Gostei muito da Revista cujo editorial tu escreveste.

É importante compreender que estes tipos de orações, não podem modificar os nomes próprios e nem os pronomes pessoais que estejam na função de núcleo tal como se ilustra em (2a). Se um nome próprio ou pronome estiver nessa função, a oração relativa terá valor explicativo (2b).

2.

- a) Cidade de Tete que é capital provincial de Moçambique fica na zona centro.
- b) Cidade de Tete, que é capital provincial de Moçambique, fica na zona centro.

Uma oração relativa explicativa consiste num comentário acerca de um individual denotado pela expressão nominal antecedente que tem um valor referencial e independente, sendo tipicamente uma descrição, (BRITO, 1991, p.123).

No entanto, Bechara (2009) alude que esses tipos de orações apontam para uma particularidade que não modifica a referência e, aparece por mero apêndice, é marcada por pausa em relação ao antecedente, como se depreende em (4):

- 4. O homem, que trazia o almoço, parou defronte da igreja.

1.1 ESTRATÉGIA RESUMPTIVA

Sobre a estratégia resumptiva, Alexandre (2000) sustenta que é a menos produtiva sendo marcada por redobrar morfologicamente, no interior da oração, o seu antecedente e em Português Europeu.

O mesmo autor, Alexandre (2000), sustenta que essa estratégia apenas está

disponível quando tal é necessário para “salvar” uma derivação que não seria convergente, o que permite identificar esta estratégia como de último recurso.

Na mesma sequência, Faria e Duarte (1989) sustentam que a utilização desta estratégia é apenas empregada por falantes pouco escolarizados. Todavia, essa concepção é refutada por Peres e Moia (1995, p.276) ao afirmarem que “mesmo nos estratos mais escolarizados, elas atingem um grau de frequência muito elevado”. Ora este processo é verificado com mais frequência nos discursos orais e não escritos que é um processo racional e cuidadoso.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, usou-se a metodologia de Análise do Discurso (AD) definida por Oliveira, et al. (2022, p.42) como “um campo de pesquisa composto por múltiplas abordagens, em grande parte qualitativas, que se ocupa das relações entre o uso da língua e o mundo social”. Para esses autores, “os pesquisadores que se dedicam a essa área conduzem investigações que buscam articular o linguístico e o social”.

E como se viu na parte introdutória, a Língua Portuguesa em Moçambique convive com diversas outras línguas bantus cujas características fonéticas, fonológicas, semânticas ou pragmáticas são distintas e essa distinção contribui de forma direta para uma possível variação do português, por essa razão serão feitas as análises das construções relativas de “Onde” e de “Que” proferidas pelos falantes Moçambicanos em alguns programas televisivos nacionais e em entrevistas direcionadas aos estudantes do Ensino Superior dos cursos de Licenciatura em Engenharia Alimentar e Engenharia Agropecuária da Universidade Zambeze - Faculdade de Ciências Agrárias.

Nas estações televisivas, trabalhamos com os programas de debates feitos pelas entidades com classes de escolaridade alta, assim como com os programas noticiários cujo objetivo era de compreender como as entidades menos e mais escolarizadas produziam construções dessa natureza em português. Por meio dessas técnicas, colheu-se (100) construções relativas das quais (50) compostas pelo constituinte “Onde” e (50) pelo constituinte “Que”. Importa salientar que durante o processo de recolha de dados, fez-se anotações de todas as construções com objetivo de perceber a frequência do uso assim como para simplificar as análises e conclusões enquanto para as entrevistas usamos o gravador de áudio e posteriormente transcrevemos as falas para o Office Word 2013.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos as análises do *corpus* obtido e, neste seguimento, usaremos o processo de apagamento de segmentos linguísticos, assim como o de movimento focando-se no modelo Raising proposto por Kayne (1994). Segundo Kenedy (2002, p.39) neste modelo “assume-se que o sintagma alvo da relativização é um constituinte da cláusula relativa (CP), alçado de sua posição de base, no domínio do IP, para a cabeça da relativa, isto é, para spec-CP (Sintagma Especificador)” e não todo NP (Sintagma Nominal) agregado ao DP como é sustentado no modelo tradicional de Chomsky.



3.1 RELATIVAS DE “ONDE” ALÉM DE “EM QUE”

1.*Foi nos últimos três anos **onde** comecei a desconfiar das suas saídas.

Segundo Manfili (2007) o pronome a negrito é usado em situações em que se esteja a falar de lugar onde alguma coisa aconteceu, e de forma obrigatória deve ocorrer com um antecedente com características +LOC.

A expressão “Três anos” patente na construção acima não carrega as propriedades propriamente ditas de lugar e para que se tenha a sua versão canônica seria preciso usar o processo de substituição do constituinte “em que” como está descrito em 1.1 abaixo:

1.1. Foi nos últimos três anos **em que** comecei a desconfiar das suas saídas. (TVM1-Jornal da Noite)

Os motivos apresentados para o desvio da construção em (1) são os mesmos presentes em (4) e (8). Os pronomes “Onde” e “em que” apesar de desempenharem quase as mesmas funções, não se podem usar nos mesmos contextos. O primeiro é apenas usado em caso de se ter um antecedente presente ou latente locativo, enquanto o “em que” não precisa do antecedente com características destacadas. Ora, o desvio das construções em (4) e em (8) centra na escolha indevida dos pronomes relativos.

4.*Na medida **onde** elas vão à escola normalmente sofrem agressões físicas pelos colegas. (TV Miramar-Fala Moçambique).

8.*em 2005 foi um ano **onde** aconteceram várias coisas, por isso se torna difícil

como afirma Manfili (2007).

2.* (...) tem andado em grupo composto por 10 pessoas **onde** se encontram com uma menina...

10.* A violência doméstica é tida como um dos fenómenos de extrema importância, **onde** nós precisamos agir em conjunto.

A relativa apresentada em (10) é desviante devido a escolha indevida do constituinte relativo, assim a sua versão canônica pode-se obter por intermédio do processo de substituição pelo pronome “Que” e além da substituição havia a necessidade de Mover a preposição regida pelo predicado “precisar” para a posição anterior ao pronome relativo “Que” como se ilustra em 2.1 e 10.1.

2.1. (...) tem andado em grupo composto por 10 pessoas **que** se encontram com uma menina.

10.1. A violência doméstica é tida como um dos fenómenos de extrema importância **de que** precisamos agir em conjunto.

7.* Fui à machamba com o meu pai **onde que** tiramos vários legumes.

6.* Fui visitar os meus pais **onde** me diverti muito com as minhas antigas amigas.

O desvio em (7) centra-se na pérfida posição do pronome e na dupla relativização, e para versão canônica é preciso haver o processo do apagamento do pronome “Que” e do movimento da relativa “Onde” para a posição periférica que contém a expressão nominal com características +LOC como aparece em (7.1) e finalmente em (7.2).

7.1. Fui à machamba com o meu pai **onde** que tiramos vários legumes.

↑ Mover-A

7.2. Fui à machamba **onde**_i tiramos vários legumes com o meu pai [-].

Além de haver o processo de “Mover-A” e de “apagamento”, como forma de garantir a semântica da frase, houve a necessidade de mover alguns constituintes como é o caso da forma verbal “Tiramos” para a posição pós-nominal. Como se pode depreender, a expressão “a machamba” tem características + LOC admitindo o repouso do constituinte locativo “Onde”.

A estrutura em (6), é desviante apesar dos informantes ajuizarem-na como canônica, deste modo, para que esta construção seja canônica seria importante fazer-se a inserção de constituintes obedecendo a regra de seleção categorial. Na teoria da seleção categorial, no verbo (ir) deve-se mencionar o local onde se vai originando o complemento obliquo, e isso

não se observa na construção em (6). Assim sendo, para que tenhamos a versão canônica é imperioso que se insira o local e as propriedades desta expressão +LOC fará com que se use o pronome “Onde” como se demonstra em (6.1).

6.1. Fui (à Tete) onde: visitei os meus pais [-] e diverti-me muito com as minhas antigas amigas.

3.2 RELATIVAS DE “QUE” ALÉM DE “ONDE”

O desvio do uso da relativa “Que” além de “Onde” como aparece em (5) é muito frequente no PM. Para todas as expressões com características +LOC, o PE recomenda o uso do constituinte “Onde” e não “Que” como se ilustra em 5.1.

5.* Todos querem conhecer a casa **que** os meus pais vivem

5.1. Todos querem conhecer a casa **onde** os meus pais vivem.

3.3 OCORRÊNCIAS DA DUPLA RELATIVA “ONDE QUE”

1.* |**Onde que** fui é Angónia tem os meus avos minha mãe meu pai |, mas minha irmã não gostava de ficar dentro de casa todos os dias. (FALA MOÇAMBIQUE-MIRAMAR)

A oração relativa em (1) desvia-se do PE por dois motivos. Primeiro é devido a dupla ocorrência dos pronomes relativos “Que” e “Onde”. Segundo é devido a má posição do pronome locativo “Onde”. Este pronome desempenha a função do pronome interrogativo caso se encontre na posição inicial da frase, não obstante na nossa frase em análise não temos a possibilidade de formar a interrogativa devido a semântica global da frase.

Segundo vários estudos como os de Gonçalves e Stroud (1998) o pronome relativo locativo é usado em circunstâncias em que há um antecedente +LOC. Para que isto ocorra em (1) é preciso que haja o movimento do constituinte relativo para posição que contém a expressão nominal locativa, mas antes disto, deve-se fazer o processo de apagamento da relativa “Que” como se ilustra em (a) e em (b).

a.* |**Onde que** fui é Angónia tem os meus avos minha mãe meu pai |
 | Mover-A ↑

b.[-] |fui é Angónia :**Onde** tem os meus avos minha mãe meu pai |

A construção canônica desta oração apresenta-se em (b) depois do apagamento do constituinte “Que” e do movimento do “Onde” para a posição periférica. Assim, estaríamos dentro dos parâmetros estabelecidos pelos estudos linguísticos inerentes ao uso deste constituinte apesar do comprometimento da agramaticalidade pela presença do verbo de ligação “é”.

2. Nas minhas palavras as minhas férias foram | muito boas **onde que** eu me diverti tanto | Falante da Faculdade de Ciências Agrárias - FFCA

O desvio em (2) assenta-se no uso da dupla relativa, além da conjunção copulativa “e”. Dando atenção a esta oração relativa, consegue-se notar a presença de duas frases coordenadas e não subordinadas como era o esperado. Assim, a *D-structure* (as estruturas não relativas) seria como se apresenta em (iii).

iii. Nas minhas palavras as minhas férias foram muito boas.

- Eu me diverti tanto.

Assim sendo, a *S-structure* (oração final) seria como se apresenta em (iv) abaixo depois do apagamento de alguns constituintes que impossibilitam a semântica dela. Isto porque se trata de duas frases distintas e o seu sentido não depende do complemento de outra como foi apresentado em 2.b. Como se pode ilustrar abaixo, a frase não seria relativizada tal como o informante produziu.

iv. Nas minhas palavras as ~~minhas~~ férias foram muito boas e eu ~~me~~ diverti-me tanto
3. ***Onde que** fui tivemos que nos prevenir da Covid-19. FFCA

Como se afirmou anteriormente, o constituinte “Onde” pode ser interrogativo quando estiver na primeira posição nas frases, mas depende de casos. Como se ilustra em (3) semelhante da construção em (1), não pode ser considerado interrogativo devido às palavras que veem após o constituinte relativo.

Estes são casos comuns chamados por Manfili (2007) de “nacional”. O informante introduziu o pronome relativo “Onde” como forma de complementar a ideia que carrega de que foi em algum lugar, designado por onde com antecedente latente. Assim, a sua versão canônica ilustra-se abaixo:

Onde | **que** fui | tivemos que nos prevenir da Covid-19.



PE: Fui (à Angónia) **onde** tivemos que nos prevenir da Covid-19.

3.4 RESUMPTIVA DE “ONDE QUE”

No português oral, assim como no escrito é muito frequente o uso das relativas resumptivas sejam de “Onde” ou de “Que”. Segundo Alexandre (2000) ao fazer os estudos das relativas cortadoras e resumptivas considera as relativas resumptivas como sendo as que são identificadas pela presença de um pronome resumptivo na posição em que deveria ocorrer a categoria vazia.

Em (4) é desviante por dois motivos: Primeiro é pela ocorrência da dupla relativa e segundo foi pelo uso do pronome pessoal “eu” num lugar onde deveria ocorrer a categoria vazia e terceiro pela falta do processo de Mover-A.

4. ***Onde** que eu fui passei minhas ferias na cidade de Tete. FFCA

O resultado canônico apresenta-se em (v) após o apagamento do pronome relativo, do resumptivo e alguns constituintes linguísticos e do movimento do constituinte “Onde” e a inserção.

V. ~~que eu~~ fui passei minhas ferias na cidade de Tete **onde**
| Mover-A ↑

Sem olharmos a semântica da oração em (v), estaríamos correcto segundo as normas estabelecidas do uso deste pronome relativo. Temos a expressão locativa “na cidade de Tete”, e a seguir temos a presença do pronome locativo “Onde”. Como fora de garantir a semântica da oração em destaque, podemos fazer o processo de Mover – A, fazendo os movimentos da expressão sublinhadas e o pronome relativo para posição pós verbal da forma verbal do verbo “ir” como se ilustra em (vi).

vi) fui | à cidade de Tete **onde** | passei minhas ferias.

5. *As férias passei muito bem graças a Deus **onde que eu** passei as minhas férias não viajei. FFCA

O desvio na construção em (5) assenta-se no duplo uso das relativas e do pronome resumptivo. Este desvio assemelha-se com a construção em (2). Para que se tenha a versão canônica é importante que se faça o uso das ideias da primeira fase da gramática gerativista (transformacional) ou pode-se fazer o apagamento de alguns constituintes de

modo a ter a aceitabilidade no PE.

Teoria Standard de Chomsky (1970)

PE:

- 1) As férias passei muito bem graças a Deus.
- 2) **Onde** passei as minhas férias?
- 3) Não viajei.

As ideias da Teoria Standard (TS) sustentam que se poderia construir varias frases *S-structure* por meio de apenas uma fazendo-se o uso de regras. A TS foi mais tarde abandonada devido à falta de ideias suficientes para sustentar as transformações observadas nas frases. Assim sendo, a versão canónica pode-se obter pelo uso destas ideias como ilustra em (1, 2 e 3). Ou, podemos fazer o processo de apagamento como observa em (5) abaixo.

5)* As férias passei muito bem graças a Deus ~~onde que eu passei as minhas férias~~ não viajei.

PE: As férias passei muito bem graças a Deus e não viajei.

3.5 RELATIVA DE “ONDE” ALÉM DE “E”

O desvio das construções em (6) e em (7) centram-se no uso do pronome relativo locativo sem a presença da expressão com características +LOC e pelo uso do pronome relativo além da conjunção “e” que serviria apenas para ligar as duas frases. A expressão “boa” em (6) é um nome feminino flexionado no plural e em (7) a expressão “completa” é a forma verbal do verbo “completar”. Ambas expressões não carregam marcas locativas como se recomenda no PE. Assim, a versão canónica destas duas construções apresenta-se abaixo.

6.* As minhas férias foram boas **onde** não viajei.

PE: As minhas férias foram boas e não viajei.

7.* Quando estou com a minha família sinto-me completa onde nós nos divertimos muito.

PE: Quando estou com a minha família sinto-me completa e nós nos divertimo-nos muito.

3.6 RESUMPTIVAS DE “ONDE”

As orações relativas resumptivas são produzidas no português contemporâneo de forma frequente resultado de vários problemas como é o caso da falta de leitura como

afirmam os resultados de Alexandre (2000), e os de Wache (2018) relacionados com a diversidade das línguas faladas em Moçambique. O desvio em (8) assenta-se no uso do pronome resumptivo “eu” depois do pronome relativo locativo “Onde”.

8.* As minhas férias eu |passei em casa onde eu |estava com a minha família.
(Falante da Faculdade de Ciências Agrárias-Angónia, FFCAA)

Depois do apagamento do pronome resumptivo como se ilustra em (8.1), segue-se a versão canónica demonstrada em (8.2).

8.1.* As minhas férias eu |passei em casa onde ~~eu~~ |estava com a minha família

8.2. |Passei em casa onde; |estava com a minha família.

Tabela1: Distribuição de entradas

Pronome relativo	Entradas dev.	Entradas dev. Em %	Entradas can.	Percentagem %
Onde que	18	18%	-	0%
Resumptivas “Onde que”	32	32%	-	0%
Resumptiva de <i>Onde</i>	28	28%	-	0%
Onde além de “e”	13	13%	-	0%
Onde	-	-	9	9%
Total:	91	91%	9	9%

Fonte: Elaborado pelo autor.

4 CONCLUSÃO

O Português falado em Moçambique tem ganhado um lugar particular distanciando-se das normas do Português padrão que é o Europeu. Esse distanciamento é visto por vários estudos como os de Timbane (2018); Wache (2018) assim como Lindonde (2018) como um variante do Português Europeu (PE). Apesar de ainda não haver estudos suficientes para se designar “Português Moçambicano”, Wache (2018) sustenta que “a particularidade do uso do português falado neste território nacional caminha para essa fase”.

Durante a análise dos dados foi possível compreender esse distanciamento do Português padrão, não apenas nas falas proferidas pelas entidades com o nível alto de escolaridade nos debates, mas também aos informantes entrevistados em diferentes províncias de Moçambique, assim como em Estudantes do Ensino Superior.

Neste processo constatamos vários desvios centrados na interferência da língua materna, assim como no uso aleatório dos constituintes “Onde e Que”.

Diante destes desvios, achamos que o português falado em Moçambique merece um estudo aprofundado para se perceber a variação e a possível padronização dela, pois os estudos revelam que diversos falantes optam pela variação seja fonética, fonológica, semântica, pragmática e sintáticas causadas pela diversidade linguística.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, M. M. P. **A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu**. Lisboa, 2000.

ALMEIDA, M. A. & BERLINCK, R. A. **Por onde anda você: Sobre a norma e o uso de Onde na fala Paulista**. Paulista, 2019.

BECHARA, E. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 31^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRITO, A. M. **A Sintaxe das orações relativas em Português**. Lisboa, 1991.

FARIA, I. H. e DUARTE, I. **O paradoxo da variação: Aspectos do Português Europeu**. Lisboa, 1989.

FIRMINO, M. J. **Língua e Educação em Moçambique**. Maputo, 1998.

GONÇALVES, P. & STROUD, C. **Estruturas gramaticais do Português: problemas e aplicações**. Moçambique – Maputo, 1998.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em Português: Uma análise baseada no modelo raising**. Rio de Janeiro, 2002.

LINDONDE, L, M. **As relativas obliquas de locativo e outras construções aparentadas introduzidas pelos morfemas "onde" e "em que" no português de Moçambique**, Editora Educar – Universidade pedagógica delegação de Tete, Tete, 2018.

MANFILI, K. M. **Uma análise funcionalista do uso das construções com onde no português do Brasil**. Rio de Janeiro, 2007.

MANGAS, V. L. H. **Compreensão e Produção de Orações Relativas em Crianças Falantes do Português Europeu Portadoras de Deficiência Auditiva**. Lisboa, 2011.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho, Lisboa, 2003.

OLIVEIRA, C. Z. et al. **Análise do discurso: Uma abordagem teórico-metodológica em pesquisa de formação docente**. Diálogos em educação. Brasil, n.03,v.31, p. 41-67, 2022.

PERES, J. A. e MÓIA, T. **Áreas Críticas da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Lisboa, Caminho, 1995.

WACHE, F.M. **O português em (De) Moçambique: Áreas de ruptura**. Editora Real design. Maputo, 2018.

THE RELATIVE ANALYSIS PRONOUNS OF “WHAT AND WHERE” IN ORAL MOZAMBICAN PORTUGUESE